

MEXE O BALAIO: UM OLHAR SOBRE O PAGODE BAIANO

RESUMO

O presente artigo surge como resultado de um projeto monográfico. Diante do vasto campo de pesquisa foi possível inferir sobre aspectos do cotidiano, ao que toca as perspectivas de corpo, sexualidade, raça e gênero. Campos estes tão explorados nas Ciências Sociais. Vale ressaltar o caráter simbólico e valorativo que o pagode enquanto produto do social traz para a realidade brasileira e baiana. Tomar o pagode enquanto manifestação genuinamente baiana e soteropolitana é coloca-lo diante de um *ethos* no qual se transportam valores, costumes, hábitos e crenças que constroem comportamentos novos e solidifica outros tantos presentes em nossa cultura. Por fim, deve-se notar que o “universo pagodeiro” constitui-se de uma complexidade de temas enriquecedores para os cientistas sociais, pesquisadores de cultura e profissionais ligadas à temática da corporeidade.

Palavras-chave: Pagode baiano; Corpo; Sexualidade; Ciências Sociais; Cultura.

O BALAIO

Percorrer as ladeiras e ruas na cidade de Salvador é entrar em contato com um imenso balaio de costumes e hábitos que configuram a realidade cultural e social de uma capital, onde os vendedores de café com seus carrinhos tocam o ritmo da Bahia! As mulheres travam uma corrida para arrumar seus cabelos, pintar as unhas, customizar suas roupas e correr para arranjar um transporte que as leve para mais uma das edições dos “megafest’s” na cidade.

Os homens, por sua vez, equipam seus carros com o que para eles é o mais sofisticado sistema de som e outros tantos acessórios para ouvir em alto volume seu ritmo favorito. Nas festas de rua, é possível se contagiar pela multidão de desconhecidos que em poucos minutos dançam de forma espontânea a mesma coreografia, e de repente estão a cantar um refrão que não se sabe quem é seu interprete, muito menos seu compositor.

¹ Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. Especialista em Gestão Educacional Integrada pela Faculdade Afonso Claudio. Especialista em Arte em Educação pelo Centro de Estudos Avançados em Pós Graduação e Pesquisa; email: producaotransitoria@gmail.com

Nos vemos incorporando novas gírias às nossas conversas; pode-se ainda, se deparar com uma multidão de jovens garotas alucinadas com o novo ícone do momento: “e ele é um negão, todo lindo!” (como me disse certa vez uma jovem que continuou a me dizer “que faria loucuras só pra ficar perto dele”); até em um ambiente cheio de pompas e protocolos, que é o poder legislativo da cidade, nos deparamos com Leo Kret, vereadora da cidade, oriunda do pagode , famosa por ser um travesti e hábil dançarina desse ritmo.

Nos ônibus coletivo logo somos tomados pelo espanto de ver uma turma de adolescentes voltando do colégio tocando pagode no fundo do “buzú,” onde estão compartilhando , criando e recriando novas canções. As academias lotam, nos meses que antecedem o verão e o carnaval, para o ensino do suingue baiano; as denúncias sociais do cotidiano violento tomam o lugar dos refrãos jocosos; outros ritmos contemporâneos são chamados à parceria; o jazz se funde com o popular e cria-se a Orquestra Sinfônica de Pagode;

Em plena festividade carnavalesca cantor se exalta quando vê o racismo se manifestar de forma tão latente; os meninos passam a se preocupar com o corte de seus cabelos, a linhas que seus músculos irão delinear, depilam seus corpos e sobrancelhas, etc. Assim, a qualquer transeunte é possível perceber que o pagode marca a vida cotidiana na cidade de Salvador, fazendo parte do dia a dia dos que consomem, produzem, reproduzem e até dos que se acham indiferentes a esse ritmo musical.

Em pleno avançar das políticas socioeconômicas do país e a presença da classe média brasileira podendo se deparar com uma situação social, na qual os padrões de consumo e renda se alteram, rumo ao desenvolvimento desejado, pelos grandes capitalistas, encontra-se, o pagode do sul da Bahia, versificando a ostentação e a luxúria, que de pecado capital transforma-se em estilo de vida e comportamento da juventude.

PARA ALÉM DO RITMO

Diante desse quadro, é possível encontrar a razão, ou as várias, para que um ator no social torne o pagode para além de ritmo estético. Antes que o tornem o repertório da construção de um papel assumido em suas vidas cotidianas, demonstrando a força expressiva e simpática que nasce da transmutação, do encontro e do desencontro de identidades e territórios na capital da Bahia. Para tanto, a proposta aqui apresentada é a de investigar a juventude na cidade de Salvador que se apresenta como construtora de um cenário sociocultural,

onde parece predominar uma conduta específica, constituída de uma determinada forma de representação e de identidade no âmbito social e a construção de uma performatividade, do ponto de vista estético e cultural, na vivência do pagode baiano.

Para uma melhor compreensão do universo social que está sendo investigado na pesquisa, se faz necessário entender como está sendo empregado o uso de alguns conceitos centrais. Assim, o esclarecimento da problemática vai ser conduzido por uma bibliografia sobre a produção musical baiana, explorando as origens do gênero musical em evidência, até as transformações históricas e sociais pela qual passou, além dos reflexos dessa transitoriedade na agência e na construção de sujeitos que se enquadram enquanto público consumidor desse contexto de produção musical e social na cidade de Salvador e, conseqüentemente, a observação e a exploração direta dos bailes, reuniões em praças, espaços de diversão dos mais variados que movimentam esse público.

Posto que a performance assumida pelo ator constitui em uma série de adaptações a heranças corporais, de modos de percepção e das tendências de ação vinculadas a essas heranças, às lógicas de produção e o consumo de informação. (RODRIGUES, 2006)

O que interessa nesse projeto de pesquisa é encontrar, através dos próprios atores, quais as motivações, as maneiras, os comportamentos que fazem com que esses indivíduos assumam uma representação diante de outros, que fazem com que o pagode baiano não seja apenas um estilo musical nas suas vidas. Entendendo que estamos nos referindo ao pagode:

[...] que vicejou na mídia baiana a partir do final dos anos 80, e é sucessor próximo do samba-de-roda, por sua vez herdeira da chula, inclusive em formas que se aproximam do partido-alto. Tem forte apelo sensual, colocando no centro quase sempre o jovem negro baiano, corpulento e conquistador. Consolidou-se na rádio e na televisão a partir do grupo Gerasamba [...] Todos os seus ídolos são jovens negros atléticos [...] que se consagram mediante desenvoltura em conjugar os desempenhos como vocalista, dançarino e símbolo sexual. (MOURA, 2010, p. 7)

Diante da referência acima, podemos identificar que esse ritmo se apresenta como herdeiro de quadros estéticos anteriores que encontramos em ambientes bem diversificados da realidade, em tempos atuais. Desta maneira, visualizamos a pertinência da análise da transitoriedade estética e cultural desse gênero musical que se apresenta no balaio das relações sociais, desde a periferia aos bairros nobres da cidade de Salvador na Bahia.

Como também, é importante salientar o universo de signos que alimentam o imaginário simbólico da população em torno desse ritmo musical. Verificando com isso as visões que se tem em torno do pagode em tempos atuais. Será mesmo que sua origem está na chula do recôncavo? Essa imagem relacionada à população negra masculina pode ser reificada?

Assim, interessa-nos saber como as pagodeiras e os pagodeiros, que consomem esse ritmo musical, constroem e vêm construindo um repertório de signos e símbolos, a exemplo, observa-se que há uma maneira específica de se vestir (shorts jeans tipo biquíni, tops de malha nas meninas; blusas de gola v, short estilo surfista nos meninos), onde encontramos o uso de determinadas marcas de roupa e sapatos (mulheres de salto alto, calça jeans com etiqueta de griffs, como *ELLUS*; tênis de marcas como *NIKE*).

Há uma preferência por marcas e cores de carros (majoritariamente de modelos como Celta, Gol, de cores vermelhas e brancas, todos com vidros fumê); há uma forma específica de agir no momento da paquera (forma mais sensualizada de representação perante o outro) etc.,

Portanto, creio que entender como esse universo se constrói é de relevância no estudo das transformações socioculturais, operadas na capital baiana. Para resolver as questões, o estudo irá observar a juventude (com uma faixa etária entre 18 e 25 anos) que consome a música e os signos sociais dela surgidos e que se reúnem em praças públicas na cidade de Salvador (como por exemplo o bairro do Tororó) para trocarem experiências das mais diversas possíveis, no processo de aquisição do pagode. A escolha da juventude se dá por existir nela uma expressão mais significativa do consumo deste estilo musical. Não significando dizer que outro estudo não possa vir a ser feito envolvendo sujeitos em outra faixa etária.

Dentro desse horizonte, deve-se buscar qual a origem do pagode no ambiente urbano. A maioria das pesquisas oferecem o pagode baiano como sendo oriundo de ritmos como a chula do Recôncavo, sendo esta uma manifestação da cultura de território mais ruralizado. Em contrapartida, encontramos na capital baiana um ritmo musical pouco citado nas pesquisas acadêmicas, mas que tem um espaço de grande importância na ressignificação da identidade negra na cidade de Salvador: o samba junino, que por ser urbano, está mais próximo da origem do pagode baiano reconhecido por nós, a partir da década de 1990. Inclusive a semelhança está marcada pelo caráter jocoso que impregna e marca as letras do pagode baiano.

Julgo a relação entre samba junino e pagode baiano importante, por apresentar aspectos territoriais e de construção estética que nos fazem com-

preender a realidade vivida pela sociedade baiana. Essa relação demonstra a importância dos bairros na construção da representação dos indivíduos nesse contexto. A reunião nas praças para festejar, paquerar, fazer música, criando novos signos, novas linguagens, novas danças é de fundamental importância no entendimento da performance do ator social nesse contexto. A malícia é marca dos grupos de pagode baiano, traço este presente desde os primeiros gêneros populares urbanos. “Espetacularizando as tradições baianas”. (NASCI-MENTO, 2008) Nos anos 1980, inicia-se a construção de um quadro social onde o mercado avança na busca de ampliação dos seus consumidores e esses gêneros musicais mais populares ganham mais força diante dos avanços de consumo e avanços tecnológicos.

É interessante notar que por mais próximo que o pagode esteja do universo de outros ritmos genuinamente negros, ele se reconfigura, se (re)territorializa, e se encaixa no universo branco e de novas classes sociais que antes o rejeitavam/discriminavam. Caso muito parecido com o que nos lembra Goli Guerreiro com os blocos carnavalescos na cidade de Salvador. Pode-se dizer que chegam até a polarizar a cidade em territórios de brancos e de negros, transformando-a em um verdadeiro “quadro em preto e branco”. Cabe então observar o papel que o processo midiático tomou na configuração do mundo urbano contemporâneo, na forma lúdica e de entretenimento, na cidade de Salvador, e de como essa imagem da festa e da alegria são criadas ou fortalecidas nos turistas. “Carnavalizar seu cotidiano” passou a ser o fundamento construtor de espaços de lazer que tem na música seu principal catalizador.

CONSTRUINDO IDENTIDADES

Diante desse complexo leque cultural que é a sociedade soteropolitana, o presente trabalho propõe investigar a relação existente entre masculinidade, corpo e dança no pagode baiano. Tendo em vista, inclusive, as discussões atuais que as ciências sociais possibilitam no que toca os referenciais de sexualidade.

Assim, a pergunta de partida é como uma performatividade do que é ser masculino se forma e se fomenta no pagode baiano? Propondo-se, portanto, em entender como as identidades sexuais e de gênero se fundam e se fomentam em torno do horizonte social do pagode baiano.

É possível notar o uso do corpo através da dança, como uma forma de comunicação. Dando origem a uma identidade de masculino, que é importante destacar, com isso uma identidade de gênero e de sexualidade. Como se pode

perceber o desvio ao pensar numa perspectiva heteronormativa de masculino. Existe empoderamento diante das identidades sexuais e de gênero em uma sociedade patriarcal?

Recorrendo às possibilidades dadas pelo campo de pesquisa, pode-se encontrar o exemplo de uma manifestação que se apresenta de modo ímpar no presente contexto: o samba do papelão. Este é um evento que ocorria no bairro do Garcia, durante muitos anos, aos domingos. A marca do pagode está impressa no bairro onde vários outros eventos congêneres formam aquele calendário festivo semanal.

Aos domingos, o samba do papelão lota as ruas do Garcia em busca da diversão e colocar em praça pública, esferas de uma relação permeadas por uma performance extremamente sexualizada. O público é constituído principalmente de homens que naquele espaço dançam, se comunicam, paqueram, e executam seus instrumentos e canções. Entretanto, o que vem chamar a atenção é a presença peculiar de uma figura. Eleita a Rainha do Samba do Papelão tem-se: Riana – um menino travestido de mulher.

Diante de Riana, se constrói uma relação distinta. Riana, naqueles espaços, predominantemente masculino e patriarcal, a figura transposta em gênero feminino é tida, para aquele universo, como um símbolo de sexualidade e de desejo masculino. Tem-se um travesti como sendo a rainha do pagode. Esse é o desvio que eu considero relevante para travar uma discussão contundente.

Compreender como esse corpo transfigurado em outro gênero é capitalizado no contexto do pagode? Pode-se pensar em autonomia, emancipação, empoderamento numa dimensão tão marginalizada? Como o masculino se constrói, reconstrói e se destrói nestes espaços? A relação de raça é relevante nesse contexto? A relação sexo e corpo é um par de importante papel nessa realidade social? A ideia de feminino construída está a serviço de quem?

O IMAGINÁRIO SOCIAL

A pertinência que tem o tema na realidade soteropolitana através do pagode, e por existirem no imaginário (inclusive acadêmico) vários estereótipos e estigmas sobre aqueles que consomem essa forma artística. Observamos que os consumidores desse ritmo são tratados como alienados, machistas e pobres. As mulheres são vistas como “piriguetes”, pelo comportamento que assumem diante da sua sexualidade. Portanto, a importância desse estudo está em inves-

tigar a construção da performance da juventude no pagode e a derrubada de alguns preconceitos para com os consumidores desse gênero musical.

As encenações, gestos e manifestações dos mais diferentes tipos que pipocam na cidade, para quem consome e incorpora o papel social do pagodeiro, fazem com que essa pesquisa se difira das demais. Por apresentar-se em uma conjuntura onde o pagode se apresenta como fenômeno de massa, de uma década nova da música baiana, que foi marcada por outras influências musicais em outros momentos, como o samba reggae e o axé music. O lugar ocupado pelo pagode ultrapassa o estilo. Assim, o pagode “não é um gênero ou estilo musical [...] é um repertório formado em torno da ideia de um padrão de sociabilidade baiana, exitoso, prazeroso e feliz, fortemente ancorado nos eixos da familiaridade, religiosidade e sensualidade”. (MOURA, 2010, p. 6).

A problematização, apresentada através deste projeto, dá margem para a elaboração de pesquisas com outros focos de análise presentes até o momento, ligadas ao empoderamento LGBTQ, como é expresso no caso Leo Kret. É importante a investigação de modalidades rítmicas e estéticas que se mostram transitando por territórios em definição na época contemporânea, como o mercado de bens simbólicos, não somente o cultural projeta esse ritmo em suas diversas facetas e a relação do uso de psicotrópicos entre os adeptos desse estilo musical. Enfim, uma profundidade de questões poderiam ser admitidas para a elaboração de questões posteriores, podendo ser temática de diversos trabalhos, porém, a delimitação ao que diz respeito a performance, representação e identidade é o marco central da análise ao qual esse projeto tenta se validar.

Esse projeto se justifica, portanto, pela relevância de apresentar um tema oriundo do cotidiano da realidade de centros urbanos que carregam consigo um imenso balaio de manifestações e condutas culturais, que permitem, ao observador atento, novas análises sobre a transformação desse espaço urbano. Apesar da produção acadêmica sobre o tema da música baiana ser explorado em estudo desde a década de 1990 (GODI, 1997; GOLI, 1997; NOGUEIRA, 2008; CASTRO, 2009), o pagode ainda é uma temática que concentra poucos estudos. (LIMA, 2002; CASTRO, 2006; NASCIMENTO, 2008; RODRIGUES, 2008)

Este tema é ainda uma abordagem pouco explorada nas ciências sociais, havendo uma série de discussões pertencentes ao senso comum ordinário e acadêmico, onde se estabelece vários tipos de questionamentos e afirmações relativas a vários aspectos como: sexualidade, gênero, drogas, etc., porém, a produção ainda requer uma maior demanda para responder a estas questões. Interessante ao leitor é neste momento se permitir a uma travessia para a exploração do universo dos costumes, dos signos e das manifestações de rua, que o pagode

baiano origina. E o que deve ser explorado aqui é o pagode sendo abordado através da ótica da identidade, tomando os atores como os principais reveladores dessa realidade.

MASCULINIDADE, CORPO E DANÇA

Entender como masculinidade, corpo e dança no pagode baiano estão relacionados, partirá de uma perspectiva que tem o referencial teórico onde sujeito, identidade, agência e identificação são categorias analíticas de suma importância.

Desta forma, observar como os homens que consomem o ritmo e vivem o pagode formam, portanto, identidades sociais, que são efeitos da forma como o conhecimento é organizado e que tal produção social de identidades é “naturalizada” nos saberes dominantes. A sexualidade normalizada por meio da delimitação de suas formas mais aceitáveis e perversas (MISKOLCI, 2009) constroem gêneros específicos na realidade cultural baiana. Entende-se por gênero, neste trabalho, o olhar que homens e mulheres depositam em torno de si próprios, definindo, portanto, condutas de corpo e de sexualidade.

Desta forma, é possível o entendimento que o corpo colocado em questão se encontra para além da relação biológica, mas se coloca em evidência por uma relação de ordem antropológica. Assim, o corpo é modelado ao longo da história, e o que se deseja é uma compreensão da autonomia do corpo, como também o entendimento de percepções e práticas sexuais. O corpo é pertencente ao indivíduo, e aqui se trata do pagodeiro, onde a modernidade chega a este, de forma disciplinadora, com uma cultura corporal, sob uma ética puritana aliada ao consumo de massa, permeando o horizonte cultural contemporâneo.

Assim, o homem redescobre o seu corpo e a sua sexualidade nas três últimas décadas. Mas observamos, que ao longo da história, as transformações do sentido de corpo. A exemplo da concepção platônica de corpo nos deparamos com a dualidade corpo e mente, “ dualismos psicofísico”, a dupla realidade da consciência separada do corpo. Onde o corpo é também ocasião de corrupção e decadência moral, e se a alma superior não souber controlar as paixões e os desejos, seremos incapazes de comportamento moral adequado.

No ascetismo medieval, o corpo passa a ser sinal de pecado e degradação. Com o cristianismo, o termo ascetismo passa a significar o controle dos desejos pela renúncia dos prazeres do corpo, o que podia ser feito pela mortificação, por meio de jejum, abstinência e flagelos. Por exemplo, chicoteando o próprio corpo.

Ao examinar a relação corpo-alma, Agostinho afirma que eles constituem uma unidade, embora a alma seja imortal e o corpo, a sua dimensão ter-

rena e mortal. Pelo livre arbítrio e auxiliado pela graça divina, o ser humano consegue evitar o mal, porque a alma pode governar o corpo.

No Renascimento e na Idade Moderna presencia-se a dessacralização do corpo. Passa a ser objeto das ciências, e a filosofia cartesiana servirá como contribuição para uma abordagem do corpo, em uma concepção nova. Assume-se o corpo como uma pura exterioridade, uma substância extensa, material. Embora ainda se mantenha o dualismo platônico, apresenta a diferença de se tratar de um corpo-objeto, associado à ideia mecanicista do ser humano-máquina. Submetido às leis naturais.

A fenomenologia traz consigo uma noção de corpo que considero inovadora e permitirá uma divagação mais profunda na pesquisa a que me proponho.

A superação da dicotomia corpo-mente é trazida à tona pela ideia de intencionalidade, por descobrirmos nesse polo relações de reciprocidade. Se o corpo não é coisa nem obstáculo, mas integra a totalidade do ser humano, meu corpo não é alguma coisa que eu tenho: eu sou meu corpo. Ao estabelecer o contato com outra pessoa, me revelo pelos gestos, atitudes, mímicas, olhar. Enfim, pelas manifestações corporais. O corpo é o primeiro momento da experiência humana.

Para mim, a visão trazida pela fenomenologia, de observar o corpo enquanto um meio de interação social, onde uma formação da existência do corpo se dá pela relação com o outro e dos significados que são construídos, é de fundamental importância no estudo da dança no pagode baiano e em toda a construção de sexualidade, masculinidade, e, por fim, do corpo e dos seus significados dentro desse grupo social.

Há uma integração corpo/consciência. A sexualidade também não deve ser vista como atividade puramente biológica, separada da pessoa integral. Na verdade, sempre houve a tendência em considerar o sexo separado da totalidade da existência, o que é ilustrado pelas posições opostas do puritanismo e do libertinismo. A sexualidade humana é, na verdade, erotismo, e, sob esse aspecto, constitui parte integrante do ser total, e não apenas o resultado exclusivo do funcionamento glandular. É expressão do ser que deseja, escolhe, ama, e que se comunica com o mundo e com o outro, numa linguagem mais humana, à medida que consegue se expressar de maneira pessoal e única.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perfeitamente possível investigar de que maneira as instâncias de poder atuam sobre ele para criar formas de agir e de pensar. Ou seja, vamos exami-

nar como a imposição de comportamentos passa pela domesticação do corpo. A obra de Foucault é um bom exemplo de como há um rigor na normalização dos gestos e dos padrões de comportamento. O resultado desse processo é a interiorização do olhar de quem vigia.

A corpolatria é uma nova forma de se interpretar o corpo. O esforço de liberação das amarras do corpo redundando em sua idolatria, mudança radical que não passa por sua recuperação equilibrada e pelo amadurecimento do sujeito. Segundo Gilles Lipovetsky, o narcisismo realiza a missão de normalização do corpo: o interesse febril que temos pelo corpo não é de modo nenhum espontâneo e livre, obedece a imperativos sociais, como a linha, a forma, o orgasmo, etc. A normalização pós moderna apresenta-se sempre como o único meio de o indivíduo ser realmente ele próprio, jovem, esbelto, dinâmico.

Pode-se concluir dizendo que “meu corpo sou eu mesmo me expressando”. O meu corpo nunca nos é dado como mera anatomia nem como objeto de culto: é a expressão de valores sexuais, amorosos, estéticos, éticos, ligados bem de perto às características da civilização a qual pertencemos. Convém saber discernir em que medida essas características nos cerceiam e quanto podemos subvertê-las, segundo princípios a serviço da liberdade e da melhor coexistência humana. (ARANHA, 2009, p. 33)

Percebemos, portanto, através do pagode, como o corpo masculino é redimensionado, onde a plasticidade forma uma identidade, posto que, o ser humano é construído ao longo da existência. Onde o corpo se apresenta como consumo pertinente ao seu momento histórico e à sua posição social. O que dá ao corpo, nesse contexto, um caráter provisório, acompanhando o desenvolvimento desta manifestação cultural, que é a dança do pagode baiano. Esta, traz à luz do dia comportamentos já existentes, que eram vividos com estigmas, proibidos, ocultos.

Os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que tem prestígio em sua cultura. É o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhando, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É o corpo que entra e sai da moda, desse jeito no pagode:

é um corpo popular e manifesta na diversidade da cultura brasileira, nos regionalismos, nas várias expressões que nos envolvem, e como não poderia ser diferente, na gestualidade marcada por regras, valores, moralidade e sentido ético-estético. (LARA, 2004, p. 61)

O corpo inscreve suas marcas observáveis, e, em todas as atividades humanas tomam forma e despertam a suas simbologias. Quando pensamos no “tabu do corpo”, as normatizações sociais, destacando formas de enquadrá-los

em diferentes culturas, através de sistemas de classificação –, as regras são entendidas como uma espécie de código que exercem um poder social. No caso do pagode, há uma quebra com essa regra, a vida ética do indivíduo é posta em cheque, como podemos lembrar o caso da “professorinha”.

Resta, enfim, saber se os pagodeiros se apresentam enquanto um desvio ou um padrão, no bojo dessa discussão que une sexualidade e cultura baiana. Desconstruindo e reconstruindo olhares, diante dos conhecimentos ofertados pelo campo de pesquisa que se abre diante das práticas sociais, onde a sexualização dos corpos, dos desejos e dos atos é um dispositivo de poder, onde encontramos a regulação e controle. E os olhares que são orientados diante do pagode se dão justamente nesse sentido de regular os atores sociais e de controlá-los, fazendo-nos crer que ainda somos os vitorianos. (FOCAULT, 1979)

Além disso, a baianidade, no contexto do pagode, pode ser entendida como “explicação da construção de práticas e comportamentos humanos espetaculares organizados. Através de experimentos sociais pode chegar a conclusões de que o espaço geográfico e social contribui para a determinação da comunicação sensorial entre seus membros”. (MATRIZES ESTÉTICAS..., [201-?])

²Sendo assim, o comportamento que se realiza em torno do pagode é ilustrativo da afirmação acima. Permitindo que a cidade de Salvador se configure num entreposto de tradições, novas tecnologias e economia de mercado. Uma verdadeira encruzilhada de artes, ofícios, etnias, religiões, línguas e ideias. Desta forma, a baianidade seria uma forma claramente mestiça de associação entre novas tecnologias, tradição e comércio, onde encontramos o pagode enquanto produto desse processo cultural.

Por fim, resta observar e testificar que novas formas de vivenciar lazer, para a juventude negro-mestiça em Salvador, se constroem e reconstroem a cada dia. Não só as opções em termo de música tem aumentado como a oferta de símbolos ligados a essa música é mais ampla. Havendo uma recriação de identidade, recriação de sociabilidade, como também, a popularização de tradições dentro da modernidade (universo do samba junino /neopagode) e a presença do lúdico no ambiente do pagode. Além disso, há a legitimação de diversos paradigmas que as Ciências Sociais tentam quebrar ou superar, como é o caso do machismo presente e reificado nas letras e nas atitudes de alguns grupos baianos, fato que não pode se deixar escapar aos olhos do bom observador.

2 MATRIZES ESTÉTICAS: o espetáculo da baianidade. [S. l.: s. n.]. [201-?]. Disponível em: <http://teatro.ufba.br/jipe/arquivos-pdf/matrizes.pdf> Acesso em: 08/05/2011.

Toda essa série de “capital subcultural” é o que representa esse ritmo enquanto uma maneira de vida e de identidade comportamental. Dando vazão a um deslocamento entre o local e o global, onde os símbolos e mercadorias associadas à cultura juvenil globalizada hipnotizam as multidões pesquisadas. Há algo de efêmero, duradouro e tradicional. Destaca-se, portanto, a relevância que tem o pagode nas análises da sociedade baiana, as reflexões sobre identidade (baianidade), as interpretações simbólicas do social, as tarefas políticas (étnica e de gênero).

THE BALAIO MOVES: A LOOK ON BAIANO PAGODE

ABSTRACT

This article is the result of a monographic project. Given the vast field of research was possible to infer about aspects of daily life to respect the perspectives of the body, sexuality, race and gender. Exploited in fields such as social sciences. Please note the symbolic and evaluative character that the pagoda as a product of social brings Brazilian and Bahian reality. Take the pagoda while genuinely Bahia and Salvador 'and puts it on the manifestation of an ethos in which carries the values, customs, habits and beliefs that build new behaviors and solidifies many others present in our culture. Finally, it should be noted that the “universe pagodeiro” consists of a complexity of enriching themes for social professionals linked to the theme of corporeality scientists, researchers and culture.

Keywords: Bahia Pagoda; Body; Sexuality; Social Sciences; Culture.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GOLI, G. Um mapa em preto e branco da música na Bahia: territorialização e mestiçagem no meio musical de Salvador (1987-1997). In: SANSONE, L.; SANTOS, J. T. dos.(Org.) *Ritmos em trânsito: sócio-antropologia da música baiana* São Paulo: Dynamis Editorial, 1997. p. 97-122.

LARA, L. M. O sentido do ético-estético na cultura popular. *Movimento*, Campinas, v. 13, n. 3, p. 111-129, 2007

LIPOVETSKY, G. *A era do vazão: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole, 2005.

MATRIZES ESTÉTICAS: o espetáculo da baianidade. [S. l.: s. n.]. [201-?]. Disponível em: [http> teatro.ufba.br/jipe/arquivos-pdf/matrizes.pdf](http://teatro.ufba.br/jipe/arquivos-pdf/matrizes.pdf) Acesso em: 8 de maio 2011

MISKOLCI, R. A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21. p. 150-182, 2009.

MOURA, M. A ilha , o carnaval e o Brasil: breve estudo sobre o carnaval de Gameleira no contexto dos carnavais brasileiros. *O olho da Historia: Revista de teoria, cultura, cinema e sociedade*, Salvador, n.14, jun. 2010. Disponível em: <<http://olhodahistoria.org/n14/artigos/milton.pdf>> Acesso em: 1 fev. 2014.

NASCIMENTO, C. G. As “swingueiras” do papai: o imaginário masculino sobre a mulher nas letras do pagode baiano. In: Simpósio baiano de pesquisadores(as) sobre mulher e relações de gênero, 15., 2008, Salvador. *Anais...* Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinar da Mulher, 2008. Disponível em: <<https://www.neim.ufba.br/site/arquivos/fileanais>. Acessado em 8 maio 2011

RODRIGUES, F. de J. Os ritmistas e a cidade: sobre o processo de formação da música baiana contemporânea orientada para a diversão. 2006. 160f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Maria Angélica Brasil Gonçalves Madeira Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2501/1/2006_Fernando%20de%20Jesus%20Rodrigues.pdf> Acesso em: 5 maio 2012.